



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES ELOS RAPAZES

ANO X * N.º 251 * PREÇO 1500

OS QUATRO GRANDES

Chegou finalmente a hora de encontrar os capazes de tomar conta; e também chegou a ocasião de fazer entrega das suas obrigações. Isto levou 10 anos! O rapaz não se improvisa. Também se lhe não dá o que de seu não tenha. Então que fizemos nós? Nada. Nós não fizemos nada. Deu-se a oportunidade. Deixou-se o rapaz agir. Fazer melhor amanhã. Puxar por si. Trazê-lo contente. Eis.

A escolha destes quatro que chamamos *grandes*, foi naturalmente dolorosa. Quem procede a ela, escolha, tem muitas vezes de tremer e estremecer à volta dos escolhidos. Mas a hora chegou. Eles aí estão. O Sérgio é o do campo. Tem à sua conta o amanhã das nossas terras. A roda dele trabalha uma grande dúzia de rapazes. É admirável observar como estes, por amor do seu chefe, se prendem à cultura dos campos e das hortas. Numa obra onde a maioria trabalha em oficinas com horários leves e ganhando mais, estes do campo parece não sentirem o peso. Vão pelo dia fora até à noite, enquanto os seus companheiros brincam no campo de jogos. Aos domingos não se dispensam do cuidado das regas e dos pastos. Não se lhes dá ganhar menos do que os outros. E tudo isto se deve à companhia e amizade do seu chefe!

Há dias, apareceu-nos aqui um pai amargurado e rico, a contar a história de um filho que trazia e a pedir se nós poderíamos tentar algo em seu favor. Em casa tinham ficado outros irmãos sem manchas. Ouvi a história, entreguei ao Sérgio. Andou o tempo. Pergunto e o rapaz diz-me que está muito contente, enquanto mostra ombros e mãos doridas. Tem a porta aberta e não foge. Afeito a comer bem, não se queixa nem sente a falta de toalha e de talher. Ora eu tomo isto à conta dos bons ofícios dum rapaz a olhar pelos rapazes. Sérgio lê a *Gazeta das Aldeias*. Joga a bola. Sabe nadar. Anda de bicicleta. Monta um cavalo. Mata e salga porcos. Se o pai dele falta, Sérgio coze a fornada como ninguém. Sérgio é quem vai às feiras comprar e vender. Se vende, pesa a réis previamente, faz a conta, chega à feira, pede na razão. De nada valem ajuntamentos à roda do animal. Ele pediu, informa que está ali até às tantas e vai-se embora se não dão o que ele quer. Já é conhecido nas feiras como tal. O tempo é dinheiro e ele não o quer perder.

Uma das suas últimas vendas foi uma vaca, que ele honestamente declara estéril. Não há gato por lebre. É tudo lisura.

Isto não fará escola, pela malícia

dos mais, mas tem necessariamente de impressionar. Foi por outrem que eu soube deste magnífico gesto e dei graças ao Pai Celeste. Não somos nós. Nós apenas plantamos e regamos, mas *esta* sorte de crescimento vem de Deus.

Outro rapaz de muita categoria, é o que se encontra à frente da expedição do jornal. Isto já é muito, mas ele, o Avelino, tem outras obrigações importantes. Ele tem a gerência da Cooperativa e tudo anda num brinco. No fim do mês apresenta as contas e vai ao Porto liquidar os fornecimentos. Às vezes eu vou, pergunto e só tenho sabido que tudo corre primorosamente. Avelino tem, ainda, a grande responsabilidade do cofre. Ele é o tesoureiro. O nosso livro caixa não chega aos dois, mas tem um movimento de muito mais de mil contos e é o Avelino. É ele quem recebe e confere. Paga. É por meio de cheques que ele trabalha. Assim como no seu escritório do jornal, também neste do cofre, Avelino é exemplar em ter cada coisa no seu sítio. São tudo linhas rectas. É impossível que não seja interiormente arrumado, quem arruma as coisas exteriormente com tamanha perfeição.

Estes dois, porque escolhidos, também hão-de ter uma casa a seu tempo, como o António e o Júlio. Mas não estamos com pressa, tão pouco eles. Virá o dia em que havemos de começar e vai ser uma coisa admirável. Pedreiros, carpinteiros, trolhas, pintores, serventes; tudo e todos gente nossa. Rapazes nossos. Escola nossa.

A casa do Tojal ainda não tem 10 anos, porém, caminha para eles e prepara-se para este resultado. Os estranhos não devem ter lugar a não ser por hospedes. O Padre Horácio de Miranda, que não tem a largueza das outras casas, também segue o mesmo sistema. Nas vezes que por lá vou, noto o rapaz a presidir. Também ele tem os seus *grandes*. E que havemos de dizer do Lar do Porto, aonde é um a governar 44 rapazes! Um deles, escolhido por eles, portador das mesmas fraquezas, sujeito às mesmas tentações, nascido das mesmas ervas—que dizer!

Não precisamos de ir buscar nada fora; temos tudo dentro da porta. Ninguém ama a Obra como eles.

PROPAGAI

«O Gaiato»

NOTA DA QUINZENA

Tenho aqui sobre a mesa de trabalho carta de um monge beneditino, que me escreve de Vuntemberg, Alemanha Ocidental.

A primeira coisa que me faz doer é isto de o homem esquarterar nações como faz o magarefe nos talhos. Não quaisquer, mas sim homens inteligentes, por mandado de outros em nome dos seus governos, a bem daquilo a que chamam a paz. Isto é que me faz doer.

Isto causa naturalmente a dispersão da família e aí vem o martírio dos Inocentes. A carta o diz: «Há muita miséria na Alemanha devido às forças de ocupação.

Muitas crianças abandonadas pelos pais que vivem separados.»

Estas coisas não aparecem nos grandes relatórios; eles não estão para servir a Verdade. Os homens não a querem. Preferem esconder a luz debaixo do alqueire e trabalhar às escuras. Por isso mesmo dividem e dividem se.

O monge beneditino não. Ele não é da Alemanha Ocidental nem Oriental. É de Cristo.

Noutro sítio da carta vem a dizer das normas que o governo segue quanto à maneira de prestar assistência. Não há o asilo. Não há o aglomerado. Há, sim, o grupo familiar de 10 ou 12 crianças. Mais não. Sendo da idade de trabalho, nenhum rapaz ou rapariga estão em casa. Vão de manhã para os empregos, na companhia doutros mais afortunados, aos quais podem comunicar suas penas e receber sentimentos de compaixão. São espelho de uma Desorganização Social. São a condenação viva de todos os tratados. Na fábrica, na oficina ou na loja, eles dizem mal do Mundo. Toda a Ciência e Técnica reunidas e ajustadas, não são capazes de lhes dar o que por direito divino e natural pertence a cada um. Não pode. *Os pais vivem separados!* Gosto de saber que na Alemanha não escondem o Nefando por detrás de muros altos. Se não é verdadeiramente para esconder o mal, que o governo acha bem esta forma de assistir, a verdade é que ele anda à vista e daí procede necessariamente o Bem. Há-de haver muito quem chore nas cidades da Alemanha, ao ver passar para os seus trabalhos o pequenino alemão sem bafo dos Pais! Há-de haver, sim. Quantas vezes não oiço eu, dos nossos rapazes do Lar do Porto, que ao atravessar tal rua alguém chama e dá um beijo!

A carta prossegue com informações muitíssimo interessantes. O governo não experimenta dificuldade em confiar esta sorte de crianças a Institutos Religiosos, desde que os superiores se conformem.

Se mostram relutância, vai-se buscar uma Mãe e é ela, mulher de bem, que trata da educação do seu grupo familiar, à base da porta aberta e trabalho remunerado.

Estou contente por tomar conhecimento destas coisas, de fonte verdadeira. Os monges não mentem. Contento, sim, porque não tendo jamais ido ao estrangeiro, nem lido compêndios da especialidade, o certo é que nos temos dado bem com a porta aberta. Não que isto seja uma inovação. Mas mostra a degeneração do rapaz engavetado.

AGORA

Hoje vão poucos na procissão, mas são de respeito. São portugueses residentes longe da Pátria, por isso sentem mais e vivem melhor. Um é de Libolo, província de Angola. Não era pouco mandar de lá, porém vir aqui trazer é muito mais. Doze deles. Trata-se de um homem novo, chamar-lhe-ia rapaz, que veio acompanhar um seu filho a Portugal e regressa. É agricultor da *Rocha Salasar*. A despedida diz-me que se precisar de mais casas é só dizer. Não senhor. Este amigo já cumpriu. Precisamos sim de outras de outros.

Este formidável conceito do uso das riquezas vai aqui na procissão.

É fechamos com uma mulher portuguesa residente na América, que manda uma data de dólares.

«Hoje sei quanto custa não ter uma casinha e sinto esse desgosto mais do que aqueles que nunca a tiveram porque já tive duas e hoje não tenho nenhuma. Em breve mandarei igual quantia.»

Esta carta acompanhava a remessa. Não é explícita mas, pela maneira de dizer, compreende-se que foi sem culpa sua. O homem inimigo deve ter ocasionado a perda das casas. *Já tive duas.* Ela não. Ela é a vítima. E porque mulher cristã, em vez de desespero, procura ajudar—em breve mandarei igual quantia. A força da Verdade está aqui.



Aqui, LISBOA!

O nosso Engenheiro tem sido, nestas férias, um duplo Cireneu: em Paço de Sousa foi o pião das nicas dos Rapazes, poupando assim metade dos espinhos da coroa do fundador; a mim poupou-me um tinteiro de tinta e uma caixa de fósforo, redigindo o «Aqui Lisboa» que não deixa de ser a minha maior penitência. Mas não há bem que sempre dure, e como ele vai regressar ao Seminário para a última arrancada, aqui estou eu de volta do meu tema predilecto.

Hoje era o dia dos *maises*, mas, como os nossos Amigos estão para férias, até o trabalho de os relatar nos poupamos. Cá os esperamos em Outubro.

Aproveito, por isso, a disponibilidade da coluna, para nela suspender alguns martírios dos nossos Pobres. A dor deles é a nossa paixão e é também um suave alívio das nossas penas. Quando os nervos já não podem vibrar mais com a azáfama das obras, a impertinência dos fornecedores e credores, com o barulho e traquinice dos cento e vinte rapazes, o remédio é infalível: enche-se a carteira de folhas e o *porte moné* de pratos, e, vai-se semear na dor. Umas vezes é no entulho das furnas, outras por esses caminhos da aldeia, outras ainda pela fila de camas do sanatório mais próximo. Em toda a parte vamos deparar com a paixão de Cristo. Nem é necessário percorrer as cruces da Via Sacra das nossas igrejas. Cruzes, é o que mais deparamos no nosso caminho. E que pesadas, meu Deus!

Se rogar pragas e amaldiçoar os homens fosse remédio para alguma coisa, quantas não me teriam saído da boca quando há dias entrei sucessivamente dentro de três barracas onde ardiavam doentes, em estado grave. O sol destes dias tórridos dardejava a setenta graus em cima das chapas de zinco que cobriam o tuguio. A qualidade da doença e dos doentes, a acumulação de farrapos e a temperatura de forno dentro daquelas espeluncas fazia recuar instintivamente. Só consegui entrar em três. Fugi. No inverno é a lama, a humidade, o frio, o cheiro nauseabundo; no verão é isto. Contudo o Património dos Pobres não conseguiu ainda uma nega de terra, na Capital. Já foi assim em Belém antes da Noite de Natal.

O motivo é o mesmo: são pobres... mas volto a repetir o que aqui tenho dito: desprezá-los é avolumar um flagelo que há muito ameaça a capital. Já algumas vezes bati com a cabeça na cortina de ferro.

Não é assim o ambiente arejado e asseado dos nossos sanatórios. Com um bocadinho mais de formação e assistência religiosa, tudo seria perfeito. Com aquele doente a ciência e a dedicação tinham esgotado os seus recursos. Estava ali o último. Uma couraçada garrafa de oxigénio cedia lentamente aos pulmões desfeitos do doente, através de tubos introduzidos nas narinas, um alívio fictício. O suor corria em bagas pela fronte pendida sobre o peito. Abriu os olhos quando chamei. Sorriu. Esperava esta visita. Director, enfermeiros, companheiros, todos se tinham retirado.

Era a minha hora, ou antes, a hora de Deus.

Perguntei se queria o seu perdão.

— Eu não o mereço...

— Não diga isso, meu amigo. Lembre-se do filho pródigo, do bom ladrão...

Na sua terra não teve instrução religiosa?

Sou do Porto...

— Sim; fiz a minha primeira comunhão... depois...

Tinham passado por ali propagandistas protestantes, deixaram panfletos e Bíblias, mas nenhum pode dizer o que eu disse: eu te absolvo...

O doente ficou em paz e naquela noite estava com o bom ladrão às portas do Paraíso.

Outros doentes pedem terços, Evangelho e boas revistas. Não sou propagandista, mas de boa vontade faria chegar às mãos deles a piedosa oferta de quem nos quisesse acompanhar.

Dali passei a um casebre onde o mundo abandona um casal de velhinhos. Na semana passada ainda ali estava ele. Como não tinha ninguém que o movimentasse, todo o corpo do paralisado era uma chaga viva onde se calava a

(Continua na quarta página)

Ecoss do Atlântico

Por P.º ELIAS

Andando por terras da minha terra, na minha missão de servir, um dia fui ladrão e dos maiores.

Roubei um garoto a uma estremeira, arranquei-lhe os piolhos, dei-lhe roupa, alimento adequado e agora chamo-o filho e ele chama-me pai. É o *Zé Mau*. As autoridades da terra é que me pediram. Contaram-me coisas tantas e tais que eu não me pude conter. Fui ladrão.

O pequeno brincava em volta do carro que nos havia de conduzir a nossa casa. Cinco anos mal medrados, vegetando sob o casaco esfarrapado que o pai lhe cedera. A cabeleira muito farta e muitíssimo descuidada. Duas brasas no lugar dos olhos.

A mãe morrera. A quem ele chamava mãe, nem o nome de madrastra merecia. Vida baixa, maus exemplos, preguiça, copo e roubo era o ambiente em que o garoto vegetava. Um lírio crescendo numa estremeira!

Tomei o ao colo, sentei-me no carro e fugi. As autoridades disseram-me assumir as responsabilidades. Não me interessou. O garoto era meu.

A chegada a casa foi faladíssima. Os mais velhos, rejubilaram. O *Alfacinha*, também de cinco anos, gritou esfregando-se no chão, por ver outro frango no poleiro. As consoladelas iam ser divididas! Durante a noite vi-me à brocha para acalmar o nosso gaiato. *Eu quero ir para a minha casa. Quero a minha roupa.*

No outro dia, vindos de longe, apresentaram-se dois pais e a mãe suposta. Queriam o filho.

O que qualquer um faria foi o que eu fiz. Expliquei, fiz ver e como eles não desistiam, ameaçei. Foram-se queixar à polícia, conseguindo mais repreensões e ameaças.

VISITANTES

Não vem um dia ao mundo, desde que abrimos em Paço de Sousa, que não traga às nossas portas a curiosidade dos que nascem da mulher; e quem mais goze com a vista, do que a gente chamada do povo. Do que eles mais gostam é da hora do jantar. Entram na cozinha, passam pelos três refeitórios, cheiram e choram! Está ali tudo à vista. Muitos dos que ora se sentam à mesa a comer tinham sido vistos antes a procurar despojos e despojos, nas ruas dos próprios visitantes!

Olha fulano! E os antigos vizinhos, que vieram em umas tantas caminetas, juntam-se e abraçam e impedem o trânsito e dificultam o serviço da mesa e levantam as mãos ao Céu. *Olha que lindo ele está!* Os grandes não compreendem. Não se importam. Não sentem. Não sabem amar. É o povo.

Então quê? Escrevemos nós para o povo? Demo-nos à obra por amor dele? Desejamos conquistá-lo, ter boa opinião, fazer doutrina, aliciar? Não. Não senhor. Nada disso. Não é necessário doutrina nova; basta dar a que está feita. Ora ninguém como o povo para a receber. Estas massas humildes, duramente castigadas pelo tempo, têm saudades de Jesus de Nazaré. Querem ver Jesus. Querem escutar a doutrina daquele tempo.

E a grande verdade é que se se lhes dá outra, quem o fizer arrisca-se a

morrer às suas mãos. Tem assim acontecido!

O ano passado, em Luanda, falou-se para eu ir dizer na sala do Palácio do Comércio. Uma conferência, como anunciaram. Destinou-se a sala mais pequena e ainda, desta, retiraram algumas cadeiras. Tinha estado ali um professor belga na semana anterior, com um discurso, e muitas cadeiras vazias. Houve recheio...

Chega a hora e eu experimentei grossa dificuldade para entrar! Nas varandas, nos corredores; na própria rua era gente.

Mas que vem a ser isto! Gente do povo, gente humilde, tanta gente,— ouvi eu de um grupo de circunstantes. Ora eu já sabia que isto ia acontecer, mas não interfeiri na escolha da sala nem disposição de cadeiras. Ficava-me mal.

Uma vez na Província de Moçambique, aí vem o povo. Gente que jamais tinha visto nem torno a ver. Os anónimos. Os aflitos. Os desiludidos. Os de fome e de sede de Justiça. Tantos e tais que se exclamavam— *mas que é isto?*

Não é nada. É o amor dos seguidores pelas fontes de verdade; e a sede reside na alma dos humildes. Só eles são capazes de se entusiasmar, a ponto de deixar a casa e seguir o pregador— *bendito o ventre que Te trouxe e os seios que Te amamentaram*, diziam ao Missionário do Padre Eterno, *naquele tempo. Quem é capaz de dizer melhor?*

Apareceu aqui há tempos uma viúva de Foscoa. Trazia uma cesta na mão, de onde tira fruta e pão. Pão de trigo caseiro. Vinha ver um seu neto. Perguntado de como arranjou dinheiro para o cambóio, ela responde— *Forrei. Andei todo o ano a forrar*. Tal o amor ao seu neto! Este, nessa noite, comeu o caldo mais ela. Num enfermaria do hospital, arranjou-se a cama. Vem a hora da despedida. Ela vai daqui cumprir uma promessa à Senhora dos Remédios de Lamego: *dar dez milreiros à santa e rezar as contas a encarar com ela*. Almas do povo das serras.

O seu aspecto, as suas falas, seus conceitos; é tudo beleza.

Oh Beleza incriada, quem te conheceria!

Notícias da Conferência

da Nossa Aldela

O Avel no disse-nos ontem na reunião, que o déficit na caixa dos Pobres, atingiu cinco contos! Botamos as mãos na cabeça e olhamos uns para os outros... Financeiros como somos naturalmente, fomos tentados pela redução nos medicamentos, leite e esmolos. Pois sim. E coragem? Sim meus senhores é preciso ter coragem nestas ocasiões. A não pode passar sem leite, porque não pode ingerir alimentos que desperdem o frágil aparelho digestivo. B tem filhos doentes que precisam muito. C não recebendo os 10 mil reis semanais passa miséria. E coragem?

Mais informa o tesoureiro que só em leite vão-se centenas de escudos mensais! Medicamentos, nem se fala,—a farnácia é uma loba. Se os senhores não deitarem aqui uma mão, ferramos o calote a torto e a direito. Não queremos passar por caloteiros,

(Continua na quarta página)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Ela tinha vindo aqui diversas vezes e eu nunca me apresentei; mandava a senhora da cozinha. Custa muito dizer que não, quando se es á à frente de uma obra aonde o sim devia ser a palavra de toda a hora para todos os que nos procuram. Era alta, esbelta, formosa, até, se não fora a miséria. Sempre de luto, eu tomava-a por viúva, mas não. Foi o pai. O pai morreu lhe

A senhora da cozinha ouvia e contava-me. Também tinha recebido uma carta acerca da vida e sua extrema necessidade; até que um dia, ela, teimosa em vir, eu cedo. Desço as escadas e venho ter com ela. Conversamos por largo tempo. Era uma casa. Uma casinha. Alguém dá terreno. Outros dão pinheiros. Há quem dê cal. Todos a querem ajudar inclusivé, segundo ela, o senhor Presidente da Câmara e o senhor Administrador do Concelho. Continuamos a conversar. Vem a hora de comer e ela toma do nosso caldo. Dou-lhe para o cozido e prometo ir ver aonde e como ela mora. Fui. Não admira que tanta gente boa se interesse por esta família e a deseje ver instalada. É uma barraca encostada ao muro duma casa e são dez filhos mais os pais. Este é doente. Os filhos têm cara disso. A mãe traz no rosto o certificado de doença. Devia estar habituado a ver e a ouvir, mas não. Cada caso impressiona-me como se fora o primeiro.

Olho em redor. Nada que tenha jeito ou ofereça condições de vida. Tudo ali seria desespero se esta sorte de gente não fosse de Deus. Ela mostra um monte de farrapos e diz, envergonhada, *nós ficamos aqui todos*. A seguir, mais envergonhada ainda, torna a dizer baixinho: *nós pecamos*. Não. Não pecam nada. O pecado é um acto da vontade e ela está ali contrafeita. Nós é que pecamos, fingindo ignorar.

Pergunto e soube aonde mora o homem que oferece o terreno. É um vendeiro à beira duma estrada. Faço ali um documento, aonde ele se obriga a dar à igreja da freguesia uma nesga de terreno para uma casa do Património; e ele assina. É um homem baixo a quem faltam vários dentes. Saiu de dentro quando por ele chamei. Vinha a mastigar: *é melão*, disse. Com o documento na sua mão, fica de o entregar ao pároco da freguesia. Não é nada vulgar. Os vendeiros são vendeiros... Quem jamais ouviu dizer que algum te-

na feito assim? Por isso mesmo exploro. Quero saber. Pergunto. Sim. Ele tem mais terrenos neutros sítios. Tudo bocados, *mas eu tenho muita pena desta família*. E dá o terreno preciso à beira de uma estrada de primeira classe!

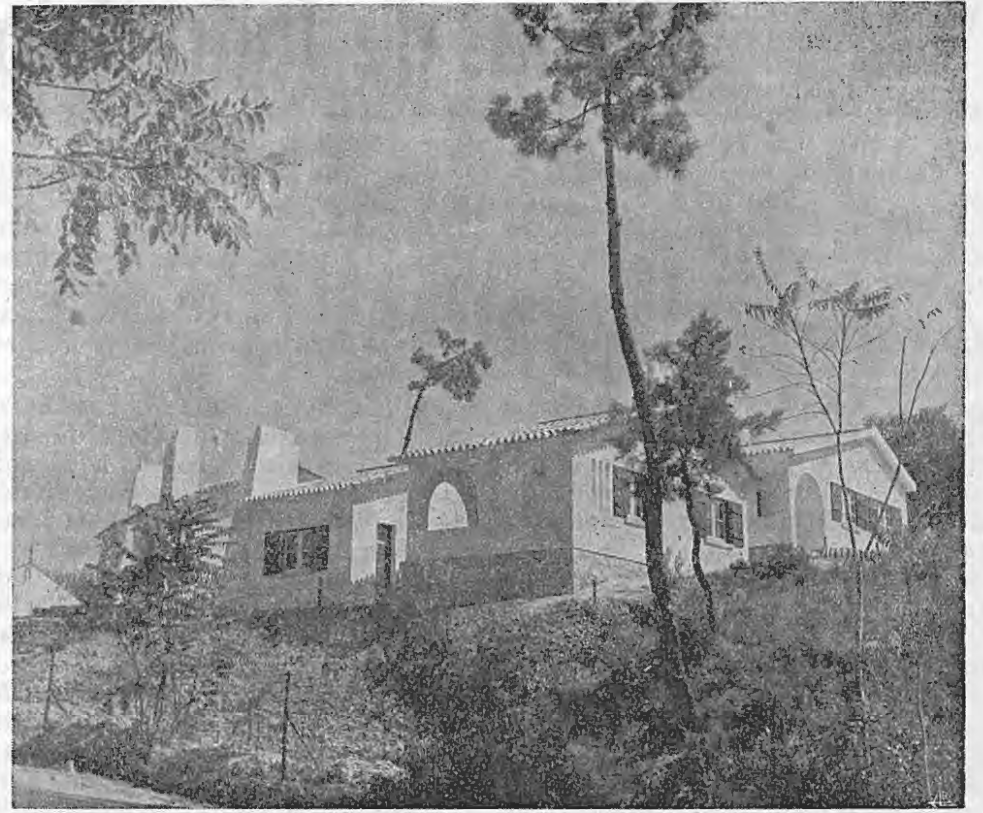
A casa está subindo; é de cozinha e três sobrados. Vou dizer aonde para que lhes e vejam e se alegrem e dêem glória ao Pai Celeste. Na estrada do Porto, à passagem de nível de Valongo, no cruzamento da estrada que diz para Paços de Ferreira, à esquerda. É um alto falante. Diz da pena que um homem sente, tanto que dá do pouco que tem para servir uma família que não tem nada. Já assim tem acontecido. Por amor deste mesmo *tenho pena* já dum vez alguém, pobre e pai de 8 filhos, ofereceu terreno aonde hoje é uma casa. Tão pobre que para consertar a dele, pediu e eu dei-lhe o melhor pinheiro da nossa mata de Calves. Também esta casa é alto falante. Quisera que todas o fossem por idênticas circunstâncias.

O pároco da freguesia de Fontelas tem um pequenino jornal aonde dá conta do movimento da paróquia. O derradeiro número, falando do Património dos Pobres, acusa um donativo de doze contos de alguém que vive no Porto. Fontelas já começou e tem algumas casas para os seus pobres. Ora o pároco exultou; aquele número do jornal não abarca a sua alegria. Doze contos quer dizer mais uma casa. Mais uma significa outra que já vem a caminho. Estimamos tanto estes doze contos como se os tivessem dado a mim. Entro plenamente na alegria deste colega *Gaudere cum gaudetibus*. Fazer nossa a alegria e fazer nossa a tristeza dos mais, eis a Lei e os Profetas.

Em Beja começa a haver decisão:

«Foi através do jornal «O Gaiato» que conhecemos o Património dos Pobres e desde aí todas nós começamos a alimentar uma mesma esperança, a ter o mesmo desejo — construir também casas para os nossos pobres.

Sempre que há Assembleia Geral, à qual preside o Senhor Bispo, manifestamos esse nosso desejo íntimo, tão grande, tão ardente, no qual ponemos todas as nossas forças de almas jovens. Mas sempre presos pela mesma inércia, sempre atacados pela mesma apatia, respondem-nos com frases que para nós nada significam e aí fica-



Este é o grupo de cinco casas em Tomar, promessa de outras tantas. O risco é diferente das do Norte, mas o fim é idêntico: abrigo de pobres, defesa da miséria. Na sua construção andou dinheiro de portugueses residentes em Macau.

mos só com o nosso desejo e a indiferença daqueles que nos cercam e nos poderiam auxiliar. Mas a pesar disso não temos esmorecido e há pouco tempo o facto de uma das nossas velhinhas, a «Tia Catrinita», sair porta fora do buraco onde vivia por falta de condições sanitárias veio intensificar, aumentar e até direi, fazer explodir esse desejo.

Já conseguimos arranjar cerca de 1400\$00. Que alegria, que entusiasmo, que contentamento! O primeiro dinheiro para a nossa casa. A «Ti Catrinita» irá ter um abrigo, uma casinha, pobre, certamente, mas sua.

Vejam agora esta carta do pároco de Sabugal:

«Felicitando pelo êxito da campanha da casa para o pobre, venho pedir o obsequio de me enviar os Estatutos que regem as casas do Património dos Pobres e que na devida altura foram publicados no querido jornal «O Gaiato». Há na minha freguesia um generoso anónimo que deseja construir um bairro de 20 casas, 7 das quais já prontas de paredes e telhado e 5 em construção. Queria que essas casas ficassem subordinadas aos mesmos Estatutos das casas do Património.»

Ao pároco de Sabugal, uma saudação em Cristo Nosso Senhor. Ao que se diz anónimo e está construindo um bairro de 20 moradias, digo que não é de maneira nenhuma um desconhecido. Ele tem o seu nome escrito no Céu. É mesmo por isso que ele, o anónimo, está construindo. Pois de onde lhe veio a inspiração? Como deu ele os primeiros passos? Como pode ele continuar e acabar a obra? Filantropia? Não. Se o fora, não seria Um Anónimo! Tem, sim, o seu nome escrito no seio do Padre Eterno.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

O PAINÇO

O Painço fugiu. Esta é a terceira e última vez. Tudo quanto aqui se sabia da sua vida e costumes, é que nascera de Rosa Painça, morta, e que era chefe de uma quadrilha de Menores, com sede em Espinho.

Era da forja. Nunca teve vocação de trabalhar e por isso é que fugiu. Foi pelas camaratas. Escolheu de entre os melhores o fato de um companheiro, outras roupas miúdas. Da oficina tomou uma caixa vazia, meteu as coisas lá dentro e foi-se embora.

Durante uns 3 anos chamei pelo seu nome muitas vezes a perguntar porque não estava no trabalho; ouvindo de cada vez sua desculpa. Durante uns 3 anos desejei; mesa posta, cama feita, a nossa capela e a oficina. Desejei amorosamente que Painço se prendesse. Mas não. Era o trabalho. O trabalho foi justamente o seu inimigo. Temos esta experiência. Um que não ame a sua obrigação, mais tarde vem a fugir.

E já agora que estamos em maré de desabaços, também digo do Faísca. Parece-me que o rapaz não continua os seus estudos! Deixei-o o dinheiro da matrícula e ele chega a Coimbra e pede ao Padre Horácio outro. Foi-se a ver e tinha-o gasto no Porto em seu proveito próprio: uma caneta, rebuçados e bananas. Dezasseis anos de idade. Inteligente. Perspectivas. Pequeninos antecedentes de igual natureza. Não estuda não. Se a nossa inteligência não der para compreender e seguir o Bem, de que vale cultivá-la?

P. S.—O Painço regressou!



Este é um grupo de três delas. No mesmo dia e à mesma hora, foram entregues mais dois grupos, sendo assim nove as famílias para quem a vida começou.

